

Museu dos sonhos possíveis no instagram: A produção de memórias docentes como uma experiência criativa

Museum of possible dreams on instagram: The production of teacher memories as a creative experience

Daniela Carvalho¹, Ana Claudia da Motta Coelho de Resende Morato²

DOI: <https://doi.org/10.24979/bolmirr.v16i1.1392>

Resumo: Esse texto é resultado de uma pesquisa para a criação do Museu dos Sonhos Possíveis que contou com a participação de dois professores e duas professoras da rede pública de ensino de Uberlândia (Brasil). Os docentes compartilham suas memórias em relação aos sonhos, no exercício profissional no ambiente escolar, que se tornaram possíveis. Usando o pensamento de Bakhtin (2003) e (2010), Freire (1992) e (2014) como suporte teórico, contextualizamos a relevância dos sonhos para uma ação docente consciente e modificadora de vidas. A base metodológica é a curadoria educativa proposta por Martins (2006). Discutimos o quanto o compartilhamento de experiências entre os professores pode contribuir para o fortalecimento da docência e a produção de memórias como uma experiência criativa.

Palavras-chaves: Educação. Experiência criativa. Memória docente. Curadoria educativa.

Abstract: This text is the result of research to create the Museum of Possible Dreams, which included the participation of two teachers from the public school system in Uberlândia (Brazil). Teachers share their memories in relation to dreams, in professional practice in the school environment, that became possible. Using the thoughts of Bakhtin (2003) and (2010), Freire (1992) and (2014) as theoretical support, we contextualize the relevance of dreams for conscious and life-changing teaching action. The methodological basis is the educational curation proposed by Martins (2006). We discussed how sharing experiences among teachers can contribute to strengthening teaching and the production of memories as a creative experience.

Keywords: Education. Creative experience. Teaching memory. Educational curation.

1 Universidade Federal de Uberlândia <https://orcid.org/0000-0002-4476-7903>.

2 Universidade Federal de Uberlândia <https://orcid.org/0009-0002-9307-6284>.

Respirando sonhos

A pesquisa em Educação desenvolvida na Universidade Federal de Uberlândia (Morato, 2019), buscou um lugar possível para a atuação docente pautada nos afetos e na sensibilidade e autonomia, visando construir com quatro professores da Educação Básica uma abordagem pedagógica durante uma experiência de criação de um museu virtual. Guido e Carvalho (2016) nos convidam a pensar por outras fontes; pelas frestas; pelas beiras; em movimento; que mais provoquem do que esclareçam, ao abordar temáticas culturais que perpassam o conhecimento pedagógico.

Precisamos reavivar em nós mesmos a nossa capacidade ontológica de sonhar, de projetar para um futuro mais próximo possível dias de paz, equidade e solidariedade. Reativar em nossos corpos conscientes as possibilidades de sonharmos o sonho utópico; o sonho possível de transformação. O que nos possibilita resgatar em nós todos e todas a nossa humanidade mais autêntica, roubada por esses e essas que nos exploram e mutilam (Freire, 2014, p.28).

Ao propor o Museu dos Sonhos Possíveis, por meio do registro e trabalho de curadoria das memórias docentes da rede pública de ensino do município de Uberlândia (MG), buscamos encontrar brechas entre o utópico e o materializado, pois a pesquisa em educação possibilita transformar as nossas relações interpessoais, inspirar mudanças de atitudes e contribuir para o enfrentamento do preconceito, conflitos e desigualdade tão presentes no nosso cotidiano.

Assim, a partir desse desejo de semear aquilo que queremos ver abundante na vida e no mundo, iniciamos a criação do museu no *Instagram*, inspirado na obra de Paulo Freire (2014) “Pedagogia dos Sonhos Possíveis”, na forma de um domínio na plataforma *Instagram*, tendo como acervo os relatos de sonhos de professores, que se tornaram possíveis. Sonhos esses aparentemente impossíveis para a comunidade, mas que na experiência daquelas professoras, naquele espaço tempo, criaram caminhos de possibilidades em termos de transformação da realidade para melhor.

Nesse museu, a vida e as experiências dos sujeitos se constituem como sendo as obras de arte e o trabalho das autoras como curadoria. Partimos para a constituição do museu de perguntas que nos inquietam: O que fortaleceu esses sujeitos para encontrarem brechas entre o utópico e o materializado? Que elementos esses sonhos mobilizam? Como é que nesse universo contemporâneo de acontecimentos efêmeros, várias pessoas ao mesmo tempo conseguem mobilizar a materialização dos sonhos?

Sob este prisma, Bakhtin nos inspira ao destacar que não há uma vida que seja bifurcada, assim, "a nossa ação no mundo é na vida porque é na arte, ao mesmo tempo que só nos constituímos no mundo como um sujeito pensante e atuante pelos olhares do outro, que vai me permitindo ser o que eu sou" (Bakhtin, 2003, p. 73).

Curadoria do Museu dos Sonhos Possíveis

A palavra curadoria tem origem epistemológica na expressão que vem do latim *curator*, que significa tutor, ou seja, aquele que tem uma administração a seu cuidado, sob sua responsabilidade. Para Tadeu Chiarelli (1998, p.12), “o curador de qualquer exposição é sempre o primeiro responsável pelo conceito da mostra a ser exibida, pelas escolhas das obras, da cor das paredes, iluminação, etc.”. Nesta pesquisa, temos como fundamentação metodológica a curadoria educativa que, segundo Martins (2006, p.5), pode despertar a fruição, não somente centrada na imagem, mas em uma experiência, um caminho que leve a pensar a vida, a linguagem da arte, provocando leitores de signos.

No Museu dos Sonhos Possíveis, os artistas são os professores que, ao mesmo tempo são as obras no museu, e dessa forma, se tornam produtores da própria obra, ao serem obra e artistas. Por meio do registro das memórias docentes, transformamos a palavra-voz em artefato museal, buscando enquadramentos que irão passar pela curadoria da docência e dos sonhos. A curadoria das vozes e do sentir consistiu em: (i) executar e revisar o catálogo da exposição; (ii) estabelecer relações entre as obras; (iii) escolher os professores que compartilhariam seus sonhos possíveis; (iv) mediar as obras de arte; (v) selecionar no registro audio-visual e os trechos a serem exibidos no museu; e (vi) fazer com que os professores obras de arte dialoguem com o público.

As ações curatoriais são: formação de acervo, pesquisa, conservação, documentação museológica e comunicação - que engloba exposição e educação. O educador museal é curador ao mesmo tempo em que deve conhecer como se dá todas as demais ações curatoriais da instituição em que atua, assim como deve conhecer o projeto de gestão, do qual igualmente faz parte ativa (Cury, 2013, p.17).

O museu-exposição-pesquisa está centrado nas memórias dos professores da Educação Básica e se constitui por meio de um perfil na plataforma *Instagram*. Para tanto foram realizadas conversas a partir de um questionamento único, com professoras e professores em diferentes estágios da carreira docente que atuam nas escolas públicas. Tal qual o trabalho de curadoria realizado nos museus, em que o curador contata os artistas que compõe a exposição, nossa busca se deu a partir de referências pessoais de trajetórias docentes que consideram as possibilidades de atravessamento dos conhecimentos específicos das diversas áreas do conhecimento com o encantamento e o afeto, abertura para o diálogo e construção coletiva junto aos estudantes.

A escuta dos professores e das professoras aconteceu em locais variados, conforme disponibilidade dos mesmos. Posteriormente, os provocamos com a pergunta: na sua trajetória docente, você tem um sonho que se tornou possível? A partir daí, cada um teve liberdade para compartilhar memórias ou um sonho possível que o marcou. O sonho possível compartilhado foi materializado por meio da produção de um vídeo que está disponível em um perfil virtual com o nome @musedossonhospossiveis localizado na plataforma *Instagram*.

Equipe museal

Bakhtin e Freire nos inspiram a perfurar brechas de possibilidades e ao mesmo tempo, se constituem como referenciais teóricos desta pesquisa. Junto a eles, contamos com a parceria de uma estudante universitária do Curso de Jornalismo, responsável pela captação e edição das imagens coletadas, e uma artista plástica, que criou a imagem e o *design* do museu na plataforma do *Instagram*.

Com base nas leituras dos trabalhos de Bakhtin (2003) e (2010) e sua contribuição teórica que alicerça, nesta pesquisa, estes atravessamentos entre a educação e a arte, por meio de três conceitos fundamentais: o excedente de visão, o evento singular e o tom emotivo-volitivo.

O excedente de visão se refere ao fato de que eu só me constituo no mundo como um sujeito pensante e atuante pelos olhares do outro. Esse dizer não é explicitado apenas oralmente, ele é um dizer que passa pelo afeto, pelos olhares, em não, em ausências que vão me permitindo ser o que eu sou pelos olhares do outro, é, portanto, um deixar-se afetar a partir do olhar do outro, transformando-me. Para Marília Amorim (2007 p.53), "eu só sou pelo outro, meu olhar sobre o outro não coincide nunca com o olhar que eu tenho de mim mesmo".

O que ocorre, de fato, é que, quando me olho no espelho, em meus olhos olham olhos alheios; quando me olho no espelho não vejo o mundo com meus próprios olhos desde o meu interior; vejo a mim mesmo com os olhos do mundo - estou possuído pelo outro (Bakhtin, 2003, p.85).

Em consonância com Bakhtin, Geraldi (2007 p.12), escreve: "o outro tem uma experiência de mim que eu próprio não tenho, mas que posso, por meu turno, ter a respeito dele". Ponzio (2009, p.28), também contribui com a discussão, pois afirma que:

[] o sujeito olha o outro de um lugar, de um tempo e com valores diferentes; vê nele mais do que o próprio consegue ver. Quando alguém atribui a outro seu excedente de visão, permite-lhe completar-se como sujeito naquilo que sua individualidade não conseguiria sozinha.

Estes autores levam-nos a entender que o ser humano não consegue se ver por inteiro, totalmente. Precisamos do outro para nos completar. Para o docente, com todos os desafios, limites e potencialidades, quem é esse outro que nos provoca o desejo de continuar nessa profissão?

O evento singular é apresentado por Bakhtin como aquilo que não se repete, a vivência de um momento único, algo inigualável e que nenhum outro ser poderá ter de igual forma, aquilo da cultura na qual estamos imersos e que faz sentido na nossa singularidade.

Neste preciso ponto singular no qual agora me encontro nenhuma outra pessoa jamais esteve no tempo singular e no espaço singular de um existir único. E é ao redor deste ponto singular que se dispõe todo o existir singular de modo singular e irrepetível. Tudo o que pode ser feito por mim não poderá nunca ser feito por ninguém mais, nunca (Bakhtin, 2010, p. 96).

A atuação docente é marcada por inúmeros momentos únicos, que mobilizam discursos e abrem possibilidades para a construção de conhecimentos ao integrar a vida dos sujeitos, marcando-os na memória. A escola e os museus se apresentam como espaços com dezenas de atravessamentos culturais, históricos e sociais, alterados pelas pessoas que os frequentam. Nesta pesquisa, buscamos os momentos únicos considerados pelos docentes como evento singular na experiência formativa. O que para eles/as seriam esses momentos/eventos? Quais marcas culturais carregam? O que suas memórias e narrativas revelariam? Que afetos mobilizam?

Pelas lentes de Bakhtin, o tom emotivo-volitivo, se refere ao afeto ou atração estética a qual os sujeitos terão para com algo que será vivenciado. Para ele, os atos são sempre atravessados por estes tons emotivo-volitivos, pois o sujeito ao enunciar atitudes avaliativas sobre si e sobre o outro, pelo simples fato de agir, este entra em relações volitivas com o mundo.

Tudo o que tenha a ver comigo me é dado em um tom emocional-volitivo, porque tudo é dado a mim como um momento constituinte do evento do qual eu estou participando. Se eu penso em um objeto, eu entro numa relação com ele que tem o caráter de um evento em processo. Em sua correlação comigo, um objeto é inseparável de sua função no processo (Bakhtin, 2003, p.51).

Bakhtin (2003) diz que para tornar-se realmente realizado e experienciado, o conteúdo, incorporado ao ser historicamente instituído, precisa ser atravessado por entoações emotivo-volitivas.

Ao propor, nesta pesquisa, a materialização dos sonhos por meio dos relatos dos docentes, as obras de arte, permitem atravessamentos entre a arte e a formação, com acesso ao tom emotivo-volitivo dos sujeitos. Para tanto, elencamos questionamentos aos professores e às professoras. Será possível estarmos encantados com a docência tal qual nos encantamos em um museu de arte contemporânea? Quais são as vozes ouvidas e também as vozes que se deixam ouvir e interferir na constituição do sujeito professor? Como este sujeito imbricado de prazeres e sensações oriundas das suas vivências vai se constituindo professor? Quais são as vozes que nos encharcam dizendo quem somos? Na sua trajetória docente, você tem um sonho que se tornou possível?

Essas questões são fundamentais para o processo de curadoria museal em que o curador se coloca frente a frente com as obras de arte e as questiona, para posteriormente iniciar o processo de expografia em que, não necessariamente, todas as obras serão expostas.

Museu como espaço virtual de formação

Somos muitos, somos mais e o fazer docente está para muito além da transmissão dos conceitos sistematizados e organizados nas ementas e propostas curriculares das instituições educativas. Temos um olhar para uma formação que experimente esses conhecimentos, mas que entenda, contemple e inclua a vivência de outras linguagens, exercitando a prática da escuta ao articular os saberes

acadêmicos e populares, as vivências e modos de pensar dos estudantes. Em outras palavras, a multiplicidade de vozes no ambiente escolar, os espaços de arte, a cultura e a ciência contribuem na formação inicial e continuada de professores favorecendo horizontes de potencialidades.

Minha presença no mundo, com o mundo e com os outros implica o meu conhecimento inteiro de mim mesmo. Neste sentido, o espaço da classe que acolhe os medos, os receios, as ilusões, os desejos, os sonhos de professoras e educandos deve constituir-se em objeto de “leitura” de professora e de educandos. [...] É preciso que a escola progressista, democrática, alegre, capaz, repense toda essa questão das relações entre corpo consciente e mundo. Que reveja a questão da compreensão do mundo mesmo e também sendo produzida pelos corpos conscientes em suas interações com ele. Creio que desta compreensão resultará uma nova maneira de entender o que é ensinar, o que é aprender, o que é conhecer (Freire, 2014, p. 72-73).

É fundamental, enquanto educadores, desviarmos o foco dos objetos, métodos e conteúdos para compreender os sujeitos e suas histórias de vida. Quem são os nossos alunos? De onde chegam e para onde voltam? Qual o seu lugar social, étnico, racial, de gênero? O que esperam de seus professores? Para Arroyo (2014, p.16), “precisamos reeducar a sensibilidade pedagógica para captar os oprimidos como sujeitos de sua educação, de construção de saberes, conhecimentos, valores e cultura”.

As crianças, jovens, adolescentes e adultos que recebemos hoje nas escolas trazem outras indagações para o pensar e o fazer pedagógico. Arroyo nos provoca com as seguintes questões: “Que indagações trazem esses Outros Sujeitos para as teorias pedagógicas? Se os educandos são outros, a docência, os docentes poderão ser os mesmos?” (Arroyo, 2014, p.16).

No Museu dos Sonhos Possíveis é possível dialogarmos com a educação e a arte pela vivência do professor, considerando que cada estudante que tem contato com as nossas aulas irá aproveitá-las de uma maneira e fazer conexões daquilo que é possível e que faz sentido para ele naquele momento. Tal qual fazemos quando nos deparamos com uma obra de arte. A esse respeito, Mirian Martins afirma que “nas salas de aula, assim como no espaço expositivo, os educadores são também curadores, também ativam culturalmente as obras” (Martins, 2006, p. 4).

Quando reunimos no acervo do museu as memórias de sonhos possíveis, reavivamos o desejo pela transformação da educação por meio da escuta e do afeto, especialmente quando consideramos os professores das escolas públicas no nosso país, tão carentes de possibilidades de se enxergar como sujeitos que produzem sensibilidades e afetos.

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade,

suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar os outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (Larrosa, 2015, p. 25).

No contar de seus sonhos, as professoras e os professores se percebem responsáveis pelos seus atos e pensamentos que têm na dimensão de se verem como educadores, e o quanto são responsáveis pelos outros, pelos seus alunos. Transformam o sonho possível de cada um neles mesmos, enquanto fonte viva de responsabilidade, de alteridade, de inserção do outro em suas ações, com a beleza e a potência da compreensão de que estar com o outro nos faz educadores.

Freire (2014, p. 16) nos convida a pensar, optar e agir projetando ininterruptamente a concretização dos sonhos coletivamente sonhados, que trazem a “possibilidade de superação das condições de vida a que estamos submetidos como simples objetos para tornamo-nos também sujeitos”.

Sonhar é imaginar horizontes de possibilidade; sonhar coletivamente é assumir a luta pela construção das condições de possibilidade. O ato de sonhar coletivamente, na dialeticidade da denúncia e do anúncio e na assunção do compromisso com a construção dessa superação, carrega em si um importante potencial (trans)formador que produz e é produzido pelo inédito viável, visto que o impossível se faz transitório na medida em que assumimos coletivamente a autoria dos sonhos possíveis (Freire, 2014, p.42).

O museu sendo considerado como espaço de sonho, de liberdades.

Tecendo sonhos

Alguns fins de tarde em encontros-poesia. Abraços, sorrisos e olhos brilhantes. Por-do-sol de tirar o fôlego, os pés no chão, sentados na grama, corpos disponíveis ao encontro. Iniciamos o diálogo. Conversamos sobre as motivações da temática da pesquisa. Máquina fotográfica posicionada. Uma pergunta: na sua trajetória docente, você tem algum sonho que se tornou possível? Coração acelerado, transbordando alegrias conforme vamos escutando as memórias, tão vivas, de tanta entrega destes educadores em processos de descoberta dos conhecimentos do mundo e das histórias de vida de tantas crianças que atravessaram as suas.

Memórias da infância, lutas, desafios, vida e profissão-professora que resiste e se entrega, que enfrenta preconceitos e assumem o compromisso com o desenvolvimento humano de seus estudantes, os encantando e os marcando em potência e afeto.

Memórias que revelam vivências de lugares e tempos diferentes e ao mesmo tempo com tanto em comum. São pessoas que encontraram brechas de possibilidades em muros de não para transformar a realidade das suas salas de aula, dos seus alunos e delas mesmas. Educadores que enalteceamos nessa pesquisa como obras de arte vivas, que dialogam com Freire e Bakhtin, quase como se tivéssemos todos ali sentados conversando sobre educação, ou seja, professores que vivem na prática, a teoria destes autores..

Ao contar sobre os seus sonhos, eles nos ajudam a pensar em quem somos. Um dos professores obras de arte, após nosso encontro, disse: “Quando a gente compartilha sonhos, a gente também renova as esperanças”. Reconhecemos o quanto eles, neste movimento, reavivam os nossos sonhos.

Ao longo do processo de curadoria, frente à primeira exposição, penso no quanto também vamos fazendo parte do museu ao criar brechas e dar forma e voz à profissão docente nessa realidade tão dura que cada vez mais criminaliza e põe barreiras ao exercício em sala de aula. Para além de um discurso paralisante encontrado nos jornais, revistas e na literatura que insiste em uma dimensão de que a escola é ruim, não funciona e que está falida mas juntamente com essas professoras e professores, escolhemos ver o mundo com esperança.

É preciso ter esperança, mas esperança do verbo esperar; porque tem gente que tem esperança do verbo esperar. E esperança do verbo esperar não é esperança, é espera. Esperança é se levantar, esperar é ir atrás, esperar é construir, esperar é não desistir! Esperança é levar adiante, esperar é juntar-se com outros para fazer de outro modo (Freire, 1992, p.110-111).

Bakhtin pensa sobre a singularidade de cada um, assim, as histórias de vida daqueles que nos atravessam, nos interessa, e nos coloca em suspensão.

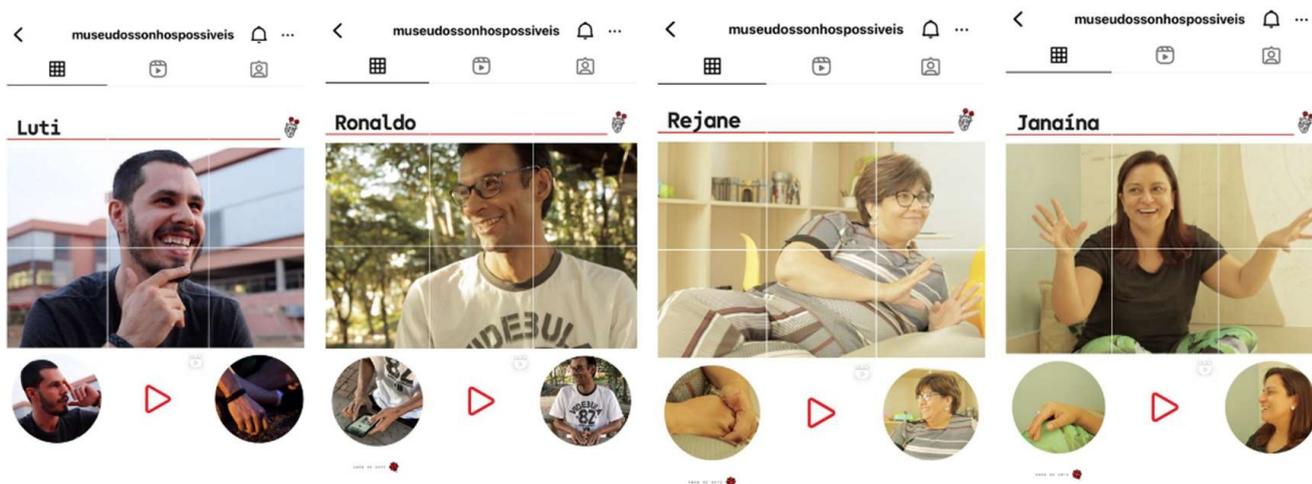
Experienciar um objeto significa possuí-lo como unicidade real, mas tal unicidade do objeto e do mundo pressupõe a correlação com a minha própria singularidade. Assim, só experimento um objeto a partir de minha própria singularidade proporcionando um dado conteúdo-sentido com relação ao meu existir-único (Bakhtin, 2010, p. 102).

O Museu dos Sonhos Possíveis abre exposição com dois professores e duas professoras (Fig. 1) cujos nomes não são fictícios.

Artistas da docência.

Seres obra de arte.

Figura 1: Montagem de telas do instagram @musedossonhospossiveis.



Fonte: acervo pessoal das autoras.

Luti Gonçalves é um educador popular graduado em História. Carinhosamente apelidado por menino Paulo Freire, Luti emociona ao compartilhar seus sonhos possíveis, em especial sobre uma proposta vivenciada em uma escola na periferia de Uberlândia, município de Minas Gerais (MG). Ele nos conta sobre os desafios que surgiram quando ele propôs, para a direção da sua unidade escolar, levar as crianças para conhecer a Organização Regional dos Indígenas não Aldeados, que está inserida no Glória, um dos grandes assentamentos da cidade. Contou, mais uma vez com os olhos brilhando, sobre o quanto foi desafiador, e ao mesmo tempo, extremamente prazeroso conduzir esta atividade com as crianças, pois pela primeira vez, segundo ele, a escola chegou onde as crianças estavam. Durante a atividade, saímos do muro da escola e fomos para onde elas viviam. "Elas andavam na rua e iam mostrando: Eu moro ali, está vendo aquela rua? aquela árvore? aquela pessoa passando na rua? era a minha tia, minha avó". Narrativas foram criadas ao longo do trajeto até a sede da Organização. Para Luti, foi a primeira vez que o espaço de uma sala de aula foi desconstruído e ampliado. A sala de aula acabou se tornando o bairro, a rua e todos os lugares se transformaram em espaços de aprendizagem.

Ronaldo Alves é professor de Matemática da Rede Municipal de Ensino e formador dos professores de cinco escolas de Moçambique, na África. Ele se tornou professor a partir da experiência com estudantes no sistema prisional. Enquanto nos apresentava seus sonhos, as lágrimas são inevitáveis em nossos olhos e a curadoria se torna desafiadora. Quais dos seus sonhos irão para o museu? Escolhemos, nesse momento, a história de Francisco, que foi aluno de Ronaldo e hoje é estudante universitário do Curso de Medicina na África, o que mostra que a educação transforma a realidade das pessoas.

Rejane Moreira é contadora de histórias e professora alfabetizadora. Ela nos falou sobre o seu olhar para o desenvolvimento socioemocional dos seus estudantes e um sonho possível construído junto a uma turma do quarto ano, com grandes questões disciplinares, em 1997. Por eles, enfrentou a direção da sua unidade escolar, buscando brechas para uma proposta pedagógica que considerasse as especificidades daquelas crianças, para além do que estava posto.

Janaína da Costa é professora do Ensino Fundamental I e atuou por mais de vinte anos como diretora escolar. Um de seus sonhos compartilhados nos leva para os desafios da gestão escolar e o desejo de levar seus profissionais para conhecer o mar, em 1996. À frente de uma escola recém inaugurada na periferia de Uberlândia, ela leva todos da escola para uma viagem à praia. Janaina acredita que a educação é espaço de emancipação, de alegria, de vivência, de relação e que a gente pode constituir a vida de quem passa na vida da gente de forma positiva.

Considerações finais

A proponente do Museu dos Sonhos Possíveis acredita que sim (Morato, 2019) por meio de seu acervo que possibilita ao público ver, sentir, interagir, fruir e sonhar. Por isso, convidamos os visitantes a revisitar suas memórias em busca dos seus sonhos que se tornaram possíveis e também a reativar o encantamento de cada um que por ali passa, em ideias borbulhantes, que inspirados pelas obras de arte olham para si e para os seus sonhos em caminhos de possibilidades.

Referências

- ARROYO, Miguel Gonzales. Outros sujeitos, outras pedagogias. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. Estética da Criação Verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. Para uma Filosofia do Ato Responsável. Trad. de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.
- CHIARELLI, Tadeu. As funções do curador, o Museu de Arte Moderna de São Paulo e o grupo de estudos de curadoria do MAM. In: CHAIMOVICH, Felipe. (Org. . Grupo de Estudos de Curadoria. 2 ed. rev. e ampl. São Paulo: MAM, 2008. p. 13-19.
- CURY, Marília Xavier. Educação em museus: panorama, dilemas e algumas ponderações. Ensino em Re-Vista, Uberlândia, Vol. 20, n. 1, p. 13-28, Jan./Jun. 2013.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia dos Sonhos Possíveis. São Paulo: Paz e Terra, 2014.
- GERALDI, João Wanderlei. A diferença identifica. A desigualdade deforma. Percursos bakhtinianos de construção ética e estética. In: FREITAS, Maria Teresa.; JOBIM e SOUZA.; Solange.; KRAMER, Sonia. (Org.). Ciências Humanas e Pesquisa: Leituras de Mikhail Bakhtin. São Paulo: Cortez, 2007. p. 39-56. (Questões da Nossa Época, Vol. 107).
- GUIDO, Lucia de Fatima Estevinho; CARVALHO, Daniela Franco. Biologias atravessadas por sensibilidades e inquietações da contemporaneidade. Educação em Foco, Juiz de Fora, Vol. 21 n. 1, p. 155-139, 2016.
- LARROSA, Jorge. Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- MARTINS, Mirian Celeste. Curadoria educativa: inventando conversas. Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul, Vol. 14, n.1, p. 9-27, 2006.
- MORATO, Ana Claudia da Motta Coelho de Resende. Colecionando Memórias Docentes: O museu dos sonhos possíveis. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019.